

# A VOZ DA REVOLUÇÃO

No 4 ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO) SETEMBRO DE 1971

## Comunicado de Guerra

Uma das maiores dificuldades que Portugal está a enfrentar, nesta Província em particular, é a falta de tropas capazes de cobrir um território tão vasto (a Província do Niassa tem 128.960 quilómetros quadrados). Numa tentativa para «remediar» esta situação, os portugueses têm estado a prender elementos das «aldeias de protecção» para os forçar a entrarem no exército colonial. No mês de Junho por exemplo, eles prenderam todos os jovens de mais de 13 anos das «aldeias de protecção» de Messumba, Ngongo (Nova Coimbra), Chiusanga e Metangula e levaram-nos para Vila Cabral a fim de receberem treino militar para lutarem contra a FRELIMO.

Além disso, os portugueses estão a prender muitas crianças de idade entre os 8 e

12 anos, para acompanharem os oficiais nos combates. Durante os ataques ou emboscadas feitas pela FRELIMO, essas crianças são obrigadas a apanhar as armas que os oficiais portugueses abandonam quando fogem ou quando são feridos ou mortos. Estes actos bárbaros e desumanos aumentam o ódio do nosso povo contra os colonialistas: muitas famílias fogem dessas «aldeias de protecção» e vêm refugiar-se nas zonas libertadas, pedindo à FRELIMO que proteja os seus filhos, e pedindo armas para lutarem contra os opressores.

O nosso controle na Província do Niassa permanece quase incontestado pelo inimigo. Esta situação permitiu-nos concentrar-nos no avanço: nos últimos meses os nossos guerrilheiros têm intensificado as acções nas zonas de Catur e Mecanheles, no extremo sul desta Província. Na capital, Vila Cabral, são frequentes as nossas acções de sabotagem contra o quartel e veículos em movimento dentro da própria cidade.

Por vezes o inimigo tenta contra-ofensivas. Assim, por ex., em 8 de Junho ele tentou atacar a zona de Maniamba, com tropas transportadas em 15 helicópteros apoiados por 2 aviões bombardeiros e 1 avião de reconhecimento. Os nossos camaradas cercaram as tropas inimigas e expulsaram-nas da região depois de lhes inflingirem grandes baixas. Os únicos estragos que o inimigo fez foi a captura de galinhas e de um rádio pequeno «transistor». Igualmente em 9 de Junho lançou tropas de helicóptero em Metangula. No próprio momento em que desembarcavam, foram atacados. Os helicópteros afastaram-se deixando os soldados em terra. Estes, com medo do nosso fogo, fugiram dispersadamente para o posto de Lunho, onde se encontram até hoje.

As acções militares dos nossos camaradas nesta Província incluem 2 ataques importantes — contra o posto de Mbandeze, situado entre Vila Cabral e Maniamba e contra o posto de Mandue. O posto de

(cont. pág. 2, col. 2)

## PORQUÊ O 25 DE SETEMBRO

Foi uma reunião histórica, aquela reunião do Comité Central da FRELIMO que em Julho de 1964 decidiu o começo da luta armada de libertação nacional do povo moçambicano, contra o colonialismo. Foi histórica pelo significado, implicações e gravidade da decisão.

Houve necessidade de estudar em primeiro lugar todas as condições objectivas e subjectivas. Vários problemas se punham:

1. Seria a luta armada o único caminho capaz de nos conduzir à independência? Não poderíamos nós seguir um caminho semelhante ao de outros países africanos, como a Tanzânia e muitos outros, que tinham alcançado a independência por meios pacíficos?
2. Como organizar a luta armada, criar um exército bem estruturado, numeroso, equipado com armas modernas, capaz de se opor ao exército colonial português, tão forte e bem equipado? Como assegurar depois regularmente munições para as armas, comida e roupa para os soldados?
3. Como convencer o nosso povo que os portugueses podiam ser derrotados? Para muitos de nós o branco era uma espécie de Deus, invencível, invulnerável: como destruir esta mentalidade, criada no povo pelos colonialistas?
4. Como realizar a unidade do povo moçambicano? Nós não estávamos unidos, tínhamos sido divididos pelos colonialistas segundo linhas tribais, regionais, religiosas, e continuávamos divididos.
5. A luta armada traria muitos sofrimentos para o povo: fome, mortes, torturas. Valeria a pena passarmos tantos sacrifícios para alcançarmos a independência?

Todos estes problemas foram profundamente analisados, estudados.

A primeira dúvida, sobre a possibilidade da via pacífica, foi imediatamente eliminada: o próprio governo português continuava a repetir que Moçambique era Portugal, que não reconhecia o nosso direito à independência, e aumentava a repressão contra o nosso povo. Assim era claro que o caminho das negociações estava fechado. (cont. pág. 2, col. 1)



A segunda questão, de como organizar a luta armada, também recebeu uma resposta satisfatória. Pois, organizar a luta numa base popular e nacional. Desta maneira o número dos nossos combatentes crescerá continuamente, à medida que avançássemos para novas zonas e novas populações se juntassem à luta. E chegará à altura em que o nosso exército será maior do que o exército colonial, dado que Portugal não pode trazer muito mais tropas de Portugal. Quanto às armas, munições e outro equipamento, esse problema seria também resolvido, pela solidariedade internacional. Muitos países Africanos tinham alcançado a sua independência e tinham prometido ajudar-nos na nossa luta. Igualmente, os países socialistas estavam fortes e estavam naturalmente ao nosso lado. E mesmo nos próprios países imperialistas, havia forças progressistas que nos ajudariam.

O mito de que os brancos são invencíveis seria facilmente destruído: bastava o povo ver os primeiros soldados portugueses a caírem sob as nossas balas, para se convencer de que eles são homens como quaisquer outros, e de que podíamos lutar contra eles e vencê-los.

A unidade do povo seria construída no próprio processo da luta. Já existia uma atitude favorável no sentido da unidade baseada nos sofrimentos comuns de todo o povo sob o colonialismo. Agora, lutando lado a lado, orientados por princípios correctos revolucionários, moçambicanos de todas as partes de Moçambique haviam de compreender a importância e realizar na prática a unidade.

A consideração de que a guerra traz sofrimentos para o povo foi também devidamente passada. Mas estávamos certos de que seríamos capazes de suportar todos os sacrifícios, guiados pela nossa vontade de liberdade e independência. O nosso povo diz: Vale mais morrer lutando pela liberdade do que viver escravizado.

E assim, a FRELIMO decidiu começar a luta armada de libertação nacional. Os resultados que já alcançamos depois de 7 anos de luta provam que tínhamos razão ao escolher a via armada: aumentámos as nossas forças para cerca de 20.000 combatentes. Conseguimos o material de que necessitamos para a guerra, pela solidariedade internacional ou capturando ao inimigo. Já ninguém teme o soldado português, o "MZUNGO", as nossas grandes vitórias já nos mostraram como ele é tão fraco. A unidade do povo é já uma realidade em Moçambique.

Assim está comprovado que foi acertada a decisão de lançarmos a luta armada. E estamos agora também absolutamente certos de que a vitória final será nossa.

Mbandeze foi atacado no dia 8 de Julho; morreram 9 soldados portugueses, e 11 moçambicanos nacionalistas que estavam presos foram libertados. O posto de Mandue era considerado pelo inimigo como sendo invulnerável por estar situado na margem do lago Niassa e ter só uma via de acesso. Foi atacado no dia 17 de Julho e parcialmente destruído.

Outra acção importante dos nossos camaradas foi uma emboscada contra um comboio de 8 vagões que seguia de Vila Cabral para Belém: quatro vagões foram destruídos e todo o comboio desarrilou.

Também nos dias 11 e 22 de Junho, 2 pontes foram pelos ares em resultado das nossas acções de sabotagem: uma ligava os postos de Unango e Macalote, e essa estrada foi abandonada. A outra ponte ligava os postos de Valadim e Luatiz. Muitas outras emboscadas e acções de sabotagem tiveram lugar durante Maio a Julho, e resultaram na morte de 36 soldados portugueses e 9 carros destruídos.

Os colonialistas portugueses estão a usar basicamente dois métodos para tentarem impedir o desenvolvimento das nossas acções militares a sul do rio Zambeze na Província de Tete. Esses métodos são: a) acção psicológica, caracterizada pela intensificação dos massacres contra as populações, estereotizando o povo para o "convencer" a deixar de apoiar os guerrilheiros da FRELIMO; b) aumento do patrulhamento do rio Zambeze, com barcos de guerra e helicópteros.

As medidas tomadas pela FRELIMO para combater essas acções dos colonialistas são: a) reforço das unidades de milícias

para auto-defesa das populações; b) intensificação dos ataques contra postos, para desalojar o inimigo; c) aumento do trabalho político junto do povo; e d) colocação de forças ao longo do rio Zambeze para atacar os barcos e helicópteros.

Os resultados alcançados pelos nossos combatentes são muito positivos e encorajadores: Nos dias 24 de Maio, 1, 2 e 3 de Junho e 19 de Julho, atacámos o inimigo acampado em Nhaluwiro, Mahanda Mucanga, Nkankanda e Chifombo, matando 15 soldados portugueses e causando-lhe grandes prejuízos materiais. Em 12 de Junho atacámos o posto dos OPV de Chibweya: toda a guarnição do posto fugiu depois dos primeiros tiros. Os nossos combatentes capturaram o material e queimaram o posto. Em 29 de Junho o inimigo foi atacado quando tentava construir uma "aldeia de protecção", a 6 quilómetros do posto de Mukumbura. Moros 5 soldados portugueses e destruído o material. O inimigo abandonou os trabalhos da construção.

Um importantíssimo ataque contra o posto de Oliveira teve lugar no dia 13 de Julho. O inimigo desse posto costumava perturbar a vida das populações dessa zona. Para o castigar, os guerrilheiros da FRELIMO atacaram-no: todas as sete casas do posto foram destruídas, assim como o depósito de gasolina. Igualmente importante pelo significado e pelos resultados foi o nosso ataque contra o posto de Malewera, no dia 8 de Agosto: o posto que estava equipado com um campo de aviação, ficou completamente destruído. O posto de Cacha foi também alvo de um ataque das nossas forças no dia 15 de Agosto, tendo sido parcialmente destruído.

(cont. pág. 8)



## ALIANÇA CONTRA O IMPERIALISMO

No último número deste nosso boletim «A VOZ DA REVOLUÇÃO» anunciámos e fizemos a reportagem fotográfica da visita de uma delegação da FRELIMO, chefiada pelo Presidente, Camarada Samora Móisés Machel, aos países da Europa Socialista. Dissemos que a nossa delegação teve encontros com os dirigentes máximos dos países visitados, e que importantes conversações tiveram lugar. Essas conversações cobriram uma ampla variedade de temas, e resultaram num melhor entendimento das nossas respectivas linhas políticas, e num fortalecimento dos nossos laços de solidariedade. Transcrevemos a seguir dois comunicados sobre a visita da FRELIMO, publicados nos órgãos oficiais dos Partidos Comunistas da Roménia e Bulgária; e uma declaração conjunta do Partido Comunista Italiano e da FRELIMO.

### ROMENIA

*Publicado no órgão oficial do Partido Comunista Romeno "Scinteia", 30.6.71*

Na tarde de segunda-feira o camarada Nicolae Ceausescu, secretário geral do Partido Comunista Romeno, encontrou-se com a delegação de Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), chefiada por Samora M. Machel, presidente do Movimento, que faz uma visita de amizade ao nosso país, a convite do Comité Central do Partido Comunista Romeno.

Participaram os camaradas Paul Niculescu Mizil, membro do Comité Executivo, do Presidium Permanente, secretário do CC do PCR; Vasile Patilinet, membro suplente do Comité Executivo, secretário do CC do PCR; Ghisela Vass e Ilie Radulescu, membro do CC do PCR, chefes de secção no Comité Central.

Por este ensejo foram abordados problemas de interesse mútuo visando as relações entre o Partido Comunista Romeno e a FRELIMO, assim como diferentes aspectos da actualidade internacional, da luta dos povos contra o imperialismo, colonialismo e neo-colonialismo, pela liberdade e independência nacional, progresso social e paz.

Durante o encontro foi afirmada a vontade comum de continuar a consolidar os amistosos laços de colaboração, ajuda e solidariedade internacionalista, entre o PCR e a FRELIMO, sendo rigorosamente respeitada a autonomia de concepção e acção, a igualdade em direitos e não ingerência nos assuntos internos. Os representantes do PCR e da FRELIMO constataram a identidade dos princípios que guiam a sua política internacional.

O PCR e o povo romeno continuarão a apoiar activamente a justa luta do povo moçambicano, pela liquidação do regime de opressão colonial, pela liberdade e independência da pátria, pelo seu direito inalienável de escolher a sua própria organização social, de afirmar os seus direitos soberanos na vida internacional, de acordo com os seus legítimos interesses.

As duas partes sublinharam a necessidade de apoiar as forças revolucionárias, anti-imperialistas de toda a parte, que lutam contra todas as formas de colonialismo e neo-colonialismo, contra a discriminação racial, contra a política dos círculos imperialistas de agressão dictat e ingerência nos assuntos internos dos povos.

Foi também reafirmada a solidariedade dos povos Romeno e Moçambicano com os países recentemente libertados, que lutam em defesa das suas conquistas democráticas, independência nacional, por um desenvolvimento progressista, independente, a caminho do progresso social.

O PCR e a FRELIMO continuarão a contribuir activamente ao reforçamento da unidade e coesão de toda a frente anti-imperialista, de todas as forças que militam por transformações revolucionárias, pela paz e entendimento entre os povos.

A entrevista decorreu numa atmosfera de cálida amizade e pleno entendimento recíproco.<sup>1</sup>



Os camaradas Nicolae Ceausescu e Samora Machel

### BULGARIA

*De o RABOTNICHESKO DELO, órgão oficial do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro*

*«O primeiro Secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, Camarada Todor Jivkov, recebeu ontem a delegação da FRELIMO dirigida pelo seu Presidente, Camarada Samora Móisés Machel, que se encontra presentemente na Bulgária a convite do Partido Comunista Búlgaro.*

*Durante as suas conversações cordiais e amigáveis, o Presidente da FRELIMO falou acerca da sua luta de libertação nacional contra o colonialismo português, e agradeceu a ajuda que o Partido Comunista e o Povo da Bulgária estão a dar aos combatentes moçambicanos. Ele exprimiu a satisfação da delegação em visitar o nosso país, e disse que a FRELIMO aprecia altamente os sucessos alcançados pelo povo Búlgaro sob a direcção do Partido Comunista, na construção da nova sociedade socialista.*

*O Camarada Todor Jivkov explicou à delegação da FRELIMO os principais aspectos das actividades do Partido na implementação das decisões do Décimo Congresso do Partido Comunista Búlgaro. Ele assegurou que o Partido, que é fiel às suas tradições internacionalistas, apoiará ainda mais a luta heróica da FRELIMO pela liberdade, independência nacional e progresso social.*

*Na reunião participaram também o membro candidato do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, Ivan Abajiev, e o chefe-adjunto do Departamento da Política Estrangeira e Relações Internacionais do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, Veliko Savov.<sup>2</sup>*



*A imagem da nossa vitória  
emerge clara  
do nosso trabalho coletivo.  
Ela tem já a beleza  
da Revolução.*

*Toda a terra será nossa,  
o mundo será nosso.  
nos somos a liberdade, camarada.*



## ITALIA

Declaração Comum  
do Partido Comunista Italiano  
e da FRELIMO

«Uma delegação da Frente de Libertação de Moçambique — FRELIMO, visitou Roma a convite do Comité Central do Partido Comunista Italiano.

A Delegação, dirigida pelo Presidente da FRELIMO, Samora Moisés Machel, e composta pelos camaradas Manuel dos Santos, Membro do Comité Central, e Secretário do Departamento de Produção e Comércio, Armando Guebuza membro do CC e Comissário Político, Salecio Teodoro e Sérgio Vieira quadros responsáveis, teve um encontro com uma delegação do Partido Comunista Italiano composta pelos camaradas Giorgio Amendola e Gian Carlo Pajetta, membros da direcção do Partido e do Bureau Político, Sérgio Segre, membro do CC e responsável da Secção para o estrangeiro, Romano Lela, Membro do CC e Vice-Director de «Rinascite», e Nadia Spano da secção para o estrangeiro.

As conversações, que tiveram lugar numa atmosfera de amizade e solidariedade fraternais que caracteriza as relações entre

a FRELIMO e o Partido Comunista Italiano, permitiram reforçar o conhecimento e laços de amizade mútuos.

A Delegação da FRELIMO expôs a situação actual da luta contra o colonialismo e o imperialismo em Moçambique, que é caracterizada, por um lado por um grande progresso na consciencia política das massas, e por outro, por um isolamento e destruição crescentes das forças armadas e de ocupação dos agressores estrangeiros. É esta situação reforçada pela extensão da luta a novas zonas, em particular ao Sul do Zambeze, que conduz o imperialismo, nomeadamente através da OTAN, da África do Sul e da Rodésia, a reforçar o apoio militar e económico a Portugal. Isto é testemunhado pela participação de tropas e material da África do Sul e Rodésia em combates em Moçambique, assim como pela participação de conselheiros militares estrangeiros nas ofensivas portuguesas, pelo envio de pessoal militar estrangeiro, disfarçado em pessoal técnico, pelo apoio ao projecto de Cahora Bassa.

A Delegação da FRELIMO exprimiu, em nome do Povo Moçambicano, o seu grande reconhecimento pela acção de solidariedade com a luta do povo moçambicano e das colónias portuguesas lançada pelos comunistas e pelo conjunto das forças democráticas italianas. A Delegação da FRELIMO apoiou também a luta do Povo Italiano pela renovação da democracia, pelo progresso e pela paz.

Por seu lado a Delegação italiana explicou o desenvolvimento actual da luta dos comunistas, das forças democráticas na Itália, pela renovação da democracia, as reformas sociais, o progresso e uma nova orientação da política estrangeira do país. A Delegação reconfirmou a plena solidariedade e apoio dos comunistas italianos à FRELIMO, e exprimiu a sua admiração pela luta heroica do povo moçambicano, pela liberdade da Pátria e pela construção duma sociedade nova, livre da exploração do homem pelo homem.

As duas partes reafirmaram o seu apoio à luta dos Povos de Angola e da Guiné-Bissau, dirigida respectivamente pelo MPLA e PAIGC, contra o colonialismo português e o imperialismo, assim como reafirmaram a sua solidariedade para com as forças anti-fascistas portuguesas e para com todas as forças que no mundo — da Indochina ao médio Oriente, da Europa à África e América Latina — combatem pela liberdade do homem, contra o imperialismo. As delegações procederam a uma troca de opiniões sobre a situação internacional e constatarem uma identidade de pontos de vista acerca da necessidade de reforçar a unidade das forças anti-imperialistas, na base da igualdade nas relações, independência e não ingerência nos assuntos internos. É na base desta identidade e das preocupações comuns em construir uma sociedade nova, que as duas partes convieram em reforçar as relações e laços de amizade mútuos.

## COMUNICADO DE GUERRA (conclusão)

As acções da FRELIMO, como dissemos, visam também destruir as forças portuguesas que operam no rio Zambeze. E assim, no dia 23 de Julho os nossos combatentes afundaram 2 barcos naquele rio, na zona em frente da montanha Manheire, em Bonga. Todos os 14 soldados inimigos que seguiam nesses barcos foram mortos. Outras zonas mais atingidas pelo nosso fogo (emboscadas e sabotagem) foram Fingoe, Chicua, Chipera, Songa (Cahora-Bassa), Tele (cidade), Armando Mague, Furancungo e Chifombo. Em resumo, os nossos resultados incluem mais 48 soldados inimigos mortos e 15 carros e 1 tractor destruídos.

## CABO DELGADO

Outro posto importante foi abandonado pelo inimigo nesta Província, o posto de Miteda. A saída teve lugar 4 dias depois de um ataque violentíssimo das nossas forças de artilharia, que destruíram o posto quase completamente. Assim o número de postos já abandonados pelos portugueses em poucas semanas eleva-se a seis. A consolidação do nosso controle sobre as regiões libertadas permitiu-nos aumentar as nossas operações nas zonas do avanço: como prova basta dizer que durante o primeiro semestre deste ano, as nossas actividades a sul do rio Messalo compreenderam mais de 25 por cento do to-

tal das nossas acções em toda a Província. Ao mesmo tempo estamos a consolidar as milícias populares. Esta medida destina-se a combater as acções de pirataria dos portugueses (aquilo a que eles chamam "operação guerrilha") contra as populações indefesas: usando uma forte concentração de bombardeiros e helicópteros, o inimigo bombardeia aldeias onde pensa que haverá poucas forças de defesa, desembarca tropas dos aviões e helicópteros, massacra as populações e destrói tudo o que encontra — e foge depois de volta para Mueda. Estas são medidas desesperadas dos colonialistas, que tentam desde modo compensar a perda do seu controle polí-

tico e militar sobre a Província. Essa perda, porém, é irreversível. Durante o período entre Junho e meados de Julho, os combatentes da FRELIMO em Cabo Delgado atacaram 3 postos e realizaram 9 importantes emboscadas e 6 operações de sabotagem. Um dos mais extensamente atingidos foi o posto de Nangololo, onde 14 soldados portugueses foram mortos e parte do posto destruído. As principais emboscadas e sabotagens realizaram-se nas regiões de Mueda, Nangololo, Miteda, Nangoloco, Cuero, Macomia, Ulumbi e Chai. Resultaram em 17 carros destruídos, 96 soldados inimigos mortos e muitas armas capturadas.



## JORNALISTAS E CINEASTAS SOVIÉTICOS APRECIAM O ESPÍRITO COMBATIVO DA FRELIMO EM TETE

No passado mês de Julho uma delegação de 5 jornalistas e cineastas da União Soviética esteve de visita à Província de Tete, nas áreas libertadas, a convite da FRELIMO. Eles representavam os jornais "Izvestia" e "Komsomolskaia Pravda" e a Rádio e Televisão da União Soviética, além da equipa de filmagem. Publicamos em baixo as impressões de dois dos visitantes:



A delegação Soviética em marcha através de Tete com a FRELIMO.

«Estou muito contente porque eu e os meus colegas tivemos a oportunidade de visitar e viver nas regiões libertadas e controladas pela FRELIMO na província de Tete. Nós estivemos em Moçambique cerca de 15 dias. Porém, durante este pouco tempo eu vi e ouvi muitas coisas bastante interessantes sobre a vida do povo moçambicano, sobre a sua decisão de continuar a luta armada para a libertação da sua terra dos colonialistas portugueses.

Eu vi como nas regiões livres da província de Tete o povo, sob a direcção da sua vanguarda combatente e política — a FRELIMO — constrói uma nova vida: forma os seus órgãos do poder político, abre escolas, organiza a assistência médica. Tudo isto impressionou-nos bastante.

E mais de tudo, impressionou-me bastante o sentido da organização, a disciplina e elevado moral e espírito combativo dos destacamentos da guerrilha. Cada combatente, comandante e comissário é consciente, responsável, combatente activo da FRELIMO, que luta em nome de seu povo, pelo futuro próspero da sua terra.»

ORDGE YACHAEV  
Rádio e Televisão da U.R.S.S.

«Durante o tempo da minha visita na província de Tete, uma profunda impressão causou-me o camarada Samora. A sua energia, força de vontade, sentido de compreensão, estimulava a disposição de cada soldado, e mesmo a nós próprios, jornalistas e cineastas Soviéticos. Impressionou-me particularmente a maneira como o camarada Samora fala com as massas, com povo de todas as camadas — soldados, camponeses, mulheres e crianças. O Presidente da FRELIMO encontra com o povo uma linguagem comum de sentimentos e disposição. Ele próprio saiu da profundidade do povo, ele sente a psicologia dos camponeses, ele conhece as suas necessidades, os seus problemas. Ao falar nas reuniões, conversando com as massas durante duas a três horas, ele encontra exemplos adequados, comparações correctas, lança ao público exemplos simples relacionados com os problemas da vida quotidiana e que, portanto, esses exemplos calam bem fundo nos corações e nos pensamentos do povo. Tais discursos e conversas são a verdadeira escola da educação das massas. A FRELIMO e o povo combatente de Moçambique têm um verdadeiro dirigente, à altura da sua luta.»

PAVEL MIKHAILEV — do «Komsomolskaia Pravda»

## « A FRELIMO É O ÚNICO GOVERNO »

Anatole Nicanorov

« Em 1968 passei algum tempo nas bases dos guerrilheiros da Guiné-Bissau. No ano de 1969 tive a oportunidade de conhecer a situação da guerra nos maquis do enclave de Cabinda, em Angola. Em 1970 visitei as regiões libertadas da própria Angola. E desta vez, integrado num grupo de jornalistas e cineastas Soviéticos, passei algumas semanas em Moçambique, na província de Tete. A meu ver, esta viagem foi a mais interessante de todas.

Em primeiro lugar, porque nós fomos os primeiros estrangeiros que fomos hóspedes da FRELIMO nesta região. Em segundo lugar, porque os colonialistas portugueses dão um significado especial à destruição do movimento de libertação nacional na província de Tete, devido à construção, nesta região, da barragem de Cahora Bassa, que se ergue para fortificar a aliança dos imperialistas, colonialistas e racistas, aliança dirigida não somente contra o povo moçambicano, mas também contra toda a África.

Já li alguns artigos na imprensa portuguesa, nos quais eles constantemente invocam a «Vitórias» do exército colonial. Os autores desses artigos confirmavam como se de facto os guerrilheiros tivessem sido liquidados e como se a FRELIMO na província de Tete já não existisse. Isto é pura mentira. Nós visitamos bases de guerrilha. Falamos com combatentes e comandantes de destacamentos. Falámos ainda mais, com comissários políticos. Estivemos em regiões onde o regime colonial foi totalmente liquidado. Nestas regiões outro poder funciona, em nome do povo, para o povo. Este poder é o poder da FRELIMO.

Crianças estudam nas escolas construídas pela FRELIMO. As populações recebem assistência médica de enfermeiros da FRELIMO. Camponeses tornam-se senhores e donos das suas colheitas. Formam cooperativas. Por outras palavras, aqui existe só o governo da FRELIMO. E o governo da FRELIMO é o Moçambique do futuro.»



Neste artigo, ANATOLE (foto em cima), enviado especial do jornal "IZVESTIA", descreve a sua visita a Província de Tete.

Kid Alfors foi hóspede da FRELIMO na Província de Cabo Delgado no mês de Agosto. Veio da Finlândia, e trabalhou connosco na montagem da nossa imprensa. Em Moçambique, Kid visitou principalmente as escolas da FRELIMO. Ele regressou à sua terra onde participara numa campanha de estudantes finlandeses para angariar fundos destinados a ajudar as nossas escolas nas áreas libertadas.



KID ALFORS no centro piloto de Ng'apa